



Biograph



MEMORIAIS DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS: ESCRITAS DE SI, MOBILIDADE SOCIAL E EMPODERAMENTO

Simone Santos de Oliveira

UNEB/PPGEduC/GRAFHO/GEO(BIO)GRAFAR

ssoliveira_valentec3@yahoo.com.br

O contexto deste enredo: uma introdução

O enredo desta produção¹ faz parte de uma investigação (auto)biográfica centrada nas histórias de vida de professores universitários oriundos da roça², de diferentes espaços

¹ Este texto configura-se como ação do Projeto *Multisseriação e trabalho docente: diferenças, cotidiano escolar e ritos de passagem*, que conta com financiamento da FAPESB, no âmbito do Edital 028/2012 – Práticas Pedagógicas Inovadoras em Escolas Públicas e do MCTI/CNPq, no âmbito da Chamada Universal n.º 14/2014, desenvolvido e coordenado pelo Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral, da Universidade do Estado da Bahia (GRAFHO/UNEB) e em parceria com os grupos Diversidade, Narrativas e Formação (DIVERSO/UNEB); Educação do Campo e Contemporaneidade (UNEB), Currículo, Avaliação e Formação, da Universidade do Recôncavo da Bahia (CAF/UFRB) e o Laboratório EXPERICE (Paris 13/Paris8).

² Palavra utilizada para designar o espaço rural que é demarcado pela vida, pelo trabalho e pela aquisição de aprendizagens singulares, compondo as diversas ruralidades. Do ponto de vista geográfico, a roça pode ser vista como mais um recorte do espaço geográfico que carrega consigo significações singulares. Esta categoria espacial é marcada por uma infinidade de significações que vão além da geográfica (Espaço rural/agrário) e das discussões que envolvem a questão política (campo/campesinato), abrange sentidos e significados singulares para os sujeitos que têm histórias marcadas pelas vivências rurais; por isso, a utilização desta expressão neste texto.

rurais do Estado da Bahia, que fizeram as travessias³ de aluno/morador da roça para professor da cidade/universidade e se constituíram professores formadores nos diferentes espaços educativos superiores de uma universidade pública baiana, cujos elementos biográficos constituem a análise de dados da pesquisa de doutorado intitulada “Travessias – de aluno de escola da roça a professor de universidade” (OLIVEIRA, 2012), vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia (PPGEDUC/UNEB), no âmbito da Linha de Pesquisa II – Educação, Práxis Pedagógica e Formação do Educador e do Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO).

Do ponto de vista teórico-metodológico, este texto adota princípios da (auto)biografia e toma como fontes os memoriais acadêmicos⁴ de três professoras⁵ universitárias que foram submetidos à seleção de aluno regular do PPGEduc, especialmente Áurea e Edite e à banca de concurso público para o magistério superior da UNEB, Janeide. Essas docentes vivenciaram processos de escolarização em escolas localizadas no espaço rural e exercem a profissão docente em diferentes *Campi* da UNEB⁶.

Com base nas histórias narradas nos memoriais das professoras Áurea, Edite e Janeide, a intenção deste trabalho é evidenciar a importância dos memoriais como escritas de si que revelam resiliência e empoderamento, através de processos de reflexividade biográfica inscritos nos percursos de vida-formação dessas colaboradoras, pois “Inventar a

³ Termo utilizado para designar as mobilidades geográficas, culturais e sociais que passam os professores oriundos de territórios rurais que atuam em espaços educativos superiores no Estado da Bahia.

⁴ Quanto à tipologia, os memoriais podem ser de formação e acadêmicos. Câmara e Passeggi (2013, p. 35) afirmam que os memoriais classificados como de formação são aqueles “[...] escritos durante o processo de formação inicial ou continuado, e concebido como trabalho de conclusão de curso no ensino superior, [...] acompanhado por um professor orientador”. Já os acadêmicos se constituem como “[...] escritas de si elaboradas por professores e pesquisadores para fins de concurso público, ingresso ou ascensão funcional na carreira docente ou outras funções em instituições de ensino superior e de pesquisa” (Idem; ibidem) por meio do qual o sujeito que narra faz uma (auto)avaliação de seus processos de formação e reflete sobre os seus percursos profissionais.

⁵ A identidade das professoras foi publicizada nas suas narrativas mediante a sua autorização, por escrito, através da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido e de consentimento pós-informado, cujas narrativas foram autorizadas mediante carta de cessão.

⁶ A UNEB foi criada em 1º de junho de 1983 e reconhecida pelo Ministério da Educação em 31 de junho de 1995 como uma organização *multicampi*. A UNEB, maior instituição pública de ensino superior do Estado da Bahia, está presente em 24 (vinte e quatro) municípios baianos, incluindo a cidade de Salvador, capital do Estado, a qual abriga a sede da Administração Central da Instituição. Atualmente, a universidade disponibiliza mais de 150 (cento e cinquenta) opções de cursos e habilitações nas modalidades presencial e de educação a distância (EaD), nos níveis de graduação e pós-graduação.

vida [...] é inventar a si mesmo inventando mundos possíveis. Inventar/criar, são deslocamentos que possibilitam, do ponto de vista da subjetividade, a transformação [...]" (PÉREZ, 2006, p. 179).

Este texto está estruturado em cinco seções. Além desta introdução, são destacadas *Memoriais: escritas de si, mobilidade social e empoderamento* e *As histórias reveladas pelas professoras nos memoriais acadêmicos*, onde são tecidas discussões sobre os memoriais como fontes (auto)biográficas que revelam processos de empoderamento do narrador ao apresentar uma análise compreensiva interpretativa dos excertos narrativos dos memoriais acadêmicos consultados. Na seção *Entre o narrado, o que fica por dizer? Notas não (tão) conclusivas* são expostos alguns resultados iniciais desta pesquisa. E, nas *Referências* estão elencados os autores e obras consultadas para este enredo.

Memoriais: escritas de si, mobilidade social e empoderamento

Os memoriais têm sido utilizados como dispositivos de avaliação para inserção nos programas de pós-graduação, nos concursos para o magistério superior e para a progressão de carreira, além do uso nos cursos de formação inicial e continuada de professores como dispositivo (auto)formativo.

Partindo do pressuposto de que a narrativa é testemunho de vida (BERTAUX, 2010), o memorial, enquanto gênero textual, se constitui numa importante fonte para pesquisas de abordagem (auto)biográfica, sobretudo para compreender elementos que compõem os processos de mobilidade social e o empoderamento dos sujeitos, já que “[...] o método (auto)biográfico valoriza [...] as histórias de vidas, as trajetórias e a construção dos sujeitos em seus diferentes contextos [...]” (SILVA, 2013, p. 206).

Sobre o uso da (auto)biografia como abordagem metodológica, Bueno (2002, p. 17) afirma que este método foi “[...] amplamente empregada nos anos 1920 e 1930, pelos sociólogos da Escola de Chicago, animados com a busca de alternativas à sociologia positivista [...]”, embora tenha ficado no esquecimento nas décadas posteriores por causa do predomínio da pesquisa empírica entre os sociólogos americanos.

Em várias obras, como as de autoria de Bueno (2002); Bueno; Chamlian; Sousa; Catani (2006), dentre outros, ao defendem a (auto)biografia como método de pesquisa, salientam que a década de 1980 foi o momento em que houve um redirecionamento dos estudos sobre formação de professores favorecendo para que os anos seguintes surgissem no meio acadêmico um amplo número de obras e estudos sobre a vida e a atuação profissional de professores.

O trabalho com (auto)biografias é considerado por muitos autores que pesquisam a docência, à exemplo de Souza (2006a), como um campo fecundo de investigação e de grande potencial para os estudos na área da educação porque esta abordagem tem permitido aos sujeitos a ressignificação das lembranças que comportam a subjetividade e a singularidade, possibilitando-os uma reflexão das experiências vivenciadas ao longo de sua trajetória de vida e de formação, exaltando não só a pessoa, mas também, e, principalmente, o(a) profissional.

Souza (2006b) também salienta que a (auto)biografia é um tipo de abordagem de pesquisa qualitativa que “[...] possibilita apreender de um outro lugar as aprendizagens que foram construídas ao longo da vida e potencializá-las no percurso de formação” (p. 136) e de atuação docente, uma vez que o seu uso “[...] implica o resgate da história pessoal, cujo relato atualiza visões de si e do mundo [...]” (SCOZ, 2011, p. 26-27), empoderando o sujeito. Assim, por meio da escrita de sua própria história, o/a professor/a reflete sobre suas trajetórias escolares, familiares e profissionais, ressignificando suas itinerâncias e reconstrói sua história de vida, de formação e de profissão a partir das visões que têm de si e do que o cerca, embora as “[...] consequências das dificuldades sociais e econômicas [...] [sejam] percebidas como decorrentes de uma responsabilidade individual [...]” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 31).

Bueno (2002) enfatiza que os embates gerados, em torno da abordagem (auto)biográfica e a busca pela renovação do método ocorridos nos últimos anos advém de duas questões: primeiro, da necessidade de renovação metodológica, em decorrência de uma crise generalizada dos instrumentos heurísticos da sociologia e, segundo, as teorias sociais não davam conta dos problemas, das tensões e conflitos que tomam lugar na dinâmica da vida cotidiana.

Dessa forma, é importante perceber que o “[...] valor heurístico do método biográfico torna-se então legítimo, não apenas em decorrência deste caráter específico da narrativa, mas, também, porque a biografia é uma micro-relação social” (BUENO, 2002, p. 20) que “[...] permite conhecer o homem [...] permitindo-o identificar aquilo que foi realmente formador em sua história de vida.” (SOUZA, 2008, p. 146) Daí, as várias possibilidades que emergem das abordagens (auto)biográficas e no campo das pesquisas na área da educação a partir do uso de memoriais como fontes de pesquisa e de investigação, pois a escrita reflexiva de si possibilita a pessoa refletir sobre o significado e a importância do que viveu no conjunto das suas relações humanas. Este movimento de reflexividade sobre a própria história e sobre os caminhos e percursos trilhados pelo sujeito, emancipa-o socialmente e empodera-o individualmente⁷, principalmente quando “[...] o autor se (auto)avalia e tece reflexões críticas sobre seu percurso intelectual e profissional” (PASSEGGI, 2008, p. 120), especialmente quando escreve um memorial, já que esta escrita é “[...] antes de tudo, um espaço-tempo de tensões contraditórias: o da injunção de falar de si e o da sedução de se reinventar pela narrativa” (PASSEGGI, 2011, p. 20). É no reinventar-se através da narrativa que a pessoa toma consciência das histórias e fatos que viveu e cria estratégias nos percursos da vida, superando os obstáculos. E, passada as dificuldades, a pessoa se empodera porque reflete sobre si, sobre seu contexto, traça metas, supera as dificuldades e chega ao objetivo desejado, como fizeram as professoras Áurea, Edite e Janeide.

Quanto à origem do termo empoderamento, Baquero (2012) diz que ele vem sendo utilizado a partir da segunda metade do século XX a partir de movimentos emancipatórios relacionados ao exercício da cidadania, embora tenha sua origem na Reforma Protestante do século XVI. Assim ela diz:

⁷ Baquero (2012) especifica que o empoderamento pode ocorrer em diferentes níveis – individual, organizacional e o comunitário. Para esta autora, o empoderamento é individual quando se refere “às variáveis intrapsíquicas e comportamentais” (p. 176), ou seja, se refere ao nível psicológico de análise, quando as pessoas ganham conhecimento e controle sobre forças pessoais para agir na direção de melhoria de sua situação de vida. Diz respeito ao aumento da capacidade dos indivíduos se sentirem influentes nos processos que determinam suas vidas. O empoderamento em nível organizacional ocorre quando há mobilização participativa de recursos e oportunidades em determinada organização. Ele será em nível comunitário quando a estrutura das mudanças sociais e a estrutura sociopolítica estiverem em foco.

Embora a utilização crescente do termo *empowerment* tenha se dado a partir dos movimentos emancipatórios relacionados ao exercício de cidadania – movimento dos negros, das mulheres, dos homossexuais, movimentos pelos direitos da pessoa deficiente – nos Estados Unidos, na segunda metade do século XX, a Tradição do *Empowerment (Empowerment Tradition)* tem suas raízes na Reforma Protestante, iniciada por Lutero no séc. XVI, na Europa, num movimento de protagonismo na luta por justiça social [...]. Neste sentido, [...] o tema do empoderamento social não é novo, no entanto, o marco histórico que trouxe notoriedade ao conceito foi a eclosão dos novos movimentos sociais contra o sistema de opressão em movimentos de libertação e de contracultura, na década de 1960 do século passado, nos Estados Unidos, passando o *empowerment* a ser utilizado como sinônimo de emancipação social. [...] Na década de 1990, recebe o influxo de movimentos que buscam afirmar o direito da cidadania sobre distintas esferas da vida social, entre as quais a prática médica, a educação em saúde, a política, a justiça, a ação comunitária (BAQUERO, 2012, p. 174-176).

Baquero (2012) ainda expõe que, no âmbito da esfera da educação, o termo empoderamento aparece nos escritos de Freire e Shor (1986) quando eles destacam a autoemancipação como empoderamento individual, relacionando o esforço pessoal do sujeito ao aumento da autoestima, autoconfiança, autoajuda e autoaperfeiçoamento.

Assim sendo, o sujeito que reflete sobre as suas itinerâncias pessoais e profissionais, sobre seus processos de mobilidade – Geográfica, social e cultural – e cria estratégias de superação, se empodera e exerce melhor a sua cidadania.

As histórias reveladas pelas professoras nos memoriais acadêmicos

Muitas são as histórias reveladas nos memoriais acadêmicos de professores universitários que exercem a profissão docente na UNEB, as quais desvelam processos de migração e mobilidade social, o que pode possibilitar o entendimento do tornar-se professor universitário. Essas histórias, ainda não reveladas, se constituem como importantes documentos para pensar a docência no ensino superior, pois apesar de um pouco mais de duzentos anos da institucionalização do ensino superior no Brasil, ainda são incipientes as discussões que envolvem a docência universitária, tanto no que concerne aos percursos de vida de professores, quanto às questões que abarcam a formação e a atuação docente,

apesar dos cursos de licenciatura no Brasil terem sido instituídos nas primeiras décadas do século XX, através da Universidade de São Paulo (USP), quando foram oferecidos, aos bacharéis, os conhecimentos pedagógicos necessários às atividades de ensinar.

Rios (2011, p. 30) diz que “As histórias de vida documentam experiências pessoais e subjetividades tanto quanto refletem estruturas sociais, movimentos sociais e instituições nas quais os narradores [...] estão inseridos.” Desse modo, as histórias narradas pelas professoras Áurea, Edite e Janeide em seus memórias acadêmicas, revelam elementos e fatos biográficos que envolvem resiliência, reflexividade sobre o que viveu e empoderamento.

A professora Áurea, nascida em 1966, no município de Sático Dias-BA, é graduada em Letras Vernáculas, mestre e doutora em Educação e Contemporaneidade e trabalha no *Campus* II da UNEB que fica a 124 km de distância da capital da Bahia, situado no KM 03 da Rodovia BR 110 que liga os municípios de Alagoinhas e Salvador, na mesorregião do Nordeste Baiano, que agrega o Departamento de Educação – DEDC, onde são ofertados os cursos de Licenciaturas em Letras, História e em Educação Física, e o Departamento de Ciências Exatas e da Terra – DCET.

A professora Áurea inicia a escrita do seu memorial acadêmico falando sobre o ato de rememorar e as implicações dessas reflexões para a constituição de sua identidade, ao dizer que “Rememorar a vida acadêmica e profissional é refletir sobre mim mesma. Tecer sobre a minha história de vida perpassa pela história pessoal/familiar. É uma história de letramentos, de subjetividades e de construção de identidades. É um histórico somado a outras histórias. [...]” (Áurea – Memorial Acadêmico, 2009). Este fragmento reafirma a posição de Bolívar (2012, p. 56) quando diz que “La memoria ocupa un lugar privilegiado en la autobiografía como recuperación e interpretación del pasado y proyección em um horizonte futuro”, pois quando a pessoa narra a sua história em um memorial, tece uma figura de si e publiciza a pessoa e o profissional que se constituiu até aquele momento de sua escrita e o que poderá vir a ser.

Em seu memorial, Áurea publiciza poucos elementos de seus percursos de vida pessoal e estes aparecem quando ela, ao justificar a escolha pelo seu objeto de pesquisa no

doutorado, recorre à história de seu pai, ao dizer que ele passou por um processo de letramento à margem da sociedade que não era legitimado pela escola. Ela diz:

[...] meu pai não teve acompanhamento educacional. A sua madrasta não ligava para ele. E ele desejava muito ir para a escola. Então, por conta disso ele comprou um “ABC” e ficava esperando os colegas saírem da casa de uma senhora professora que dava aula particular em sua casa para as crianças daquela comunidade rural, lá em “Baixa Preta”, município de Sátiro Dias, BA. E meu pai ficava na estrada esperando os colegas saírem da escola para ensinar a “lição do dia”. E, foi assim que aprendeu a ler e a escrever. Depois que começou a trabalhar foi para a escola e conseguiu superar parte das dificuldades. Essa é uma cena certamente vivenciada por tantos adultos anônimos que formam as classes dos ditos “jovens e adultos analfabetos” [...] (Áurea – Memorial Acadêmico, 2009).

Esse excerto narrativo de Áurea demarca o lugar de seu pai nos seus percursos de escolarização, na escolha da profissão e de sua condição de pesquisadora na área de educação, principalmente no que se refere aos processos de alfabetização de adultos e idosos, objetos esses que foram investigados nos seus estudos de mestrado e de doutorado no PPGEduc/UNEB. E, em outro momento, ao narrar sobre seus processos iniciais de escolarização, reporta-se ao seu pai e afirma que ele repetiu a história dele com ela, quando comprou um ABC e lhe ensinou as primeiras lições recheadas de castigos e cópias intermináveis para ela aprender a ler e escrever antes de ir para escola aos sete anos de idade.

Natural de Maragogipe-BA, nascida em 1972, a professora Edite possui formação inicial em Licenciatura em Pedagogia, é mestre e doutora em Educação e Contemporaneidade e atua no Departamento de Educação do *Campus XIV* da UNEB, localizado no município de Conceição do Coité, a 235 km da capital baiana, na região do sertão nordestino, também na [mesorregião do Nordeste Baiano, onde são ofertados os cursos de](#) Licenciaturas em Letras e História e Comunicação Social com habilitação em Radialismo.

Ao mergulhar nas lembranças para escrever o memorial acadêmico, Edite inicia a sua escrita caracterizando a pessoa que é, onde nasceu e em qual contexto familiar está inserida, afirmando que é “[...] mulher, negra, nordestina e professora, nascida [...] em Capanema, distrito do município de Maragogipe, Recôncavo Baiano, [...] a mais velha de quatro filhos [...]” (Edite – Memorial Acadêmico, 2009). Assim, apresenta traços de sua identidade pessoal, revelando a mulher que é, a região geográfica do Brasil onde nasceu, o lugar que pertence na família e os cuidados que seus pais tinham com os estudos. Edite ainda relata nas primeiras linhas do memorial que ouvia de seus pais que a leitura e a escrita eram importantes no contexto social e que ela e seus irmãos tinham que estudar, lembranças essas que influenciaram, anos depois, na escolha do curso de licenciatura e a Educação de Jovens e Adultos como objeto de suas pesquisas.

Nascida em 1975, no município de Irará-BA, a professora Janeide é graduada em Licenciatura em Geografia, mestre e doutora em Geografia. Atua no Departamento de Educação do *Campus XI* da UNEB, localizado no município de Serrinha, a 191 km de Salvador, situado também na região do semiárido baiano onde são ofertados os cursos de Licenciaturas em Geografia e em Pedagogia e Bacharelado em Administração.

Do mesmo modo que Edite, a professora Janeide inicia o seu memorial dizendo quem é ao demarcar bem a sua posição como ex-moradora do espaço rural. Assim ela diz:

Nasci e vivi até aos dezoito anos numa comunidade [...] situada na zona rural do município de Irará, estado da Bahia. Lá vivenciei as conflituosidades inerentes ao espaço agrário brasileiro: disputa por terras; concentração fundiária; privatização dos recursos naturais; valorização da cultura urbana; relação de poder de mando e coerção dos latifundiários sobre os camponeses; preconceito espacial, sociocultural e racial. (Janeide – Memorial Acadêmico, 2009).

Em seu memorial, Janeide relata que vivenciou processos de escolarização tanto no espaço rural como no urbano, sendo moradora da roça. E, sobre essas memórias escolares, ela relata que as questões vividas por ela e sua família no espaço rural, como a concentração de terras, a privatização da água e de outros recursos naturais, o preconceito

racial, dentre outras temáticas, nunca foram enfatizadas nos conteúdos do currículo escolar. Sobre algumas lembranças escolares, Janeide enfatiza o modo como aprendeu a Geografia escolar e diz que:

[...] Estudei o ensino fundamental em duas escolas: da alfabetização à 4ª séries numa escola situada numa fazenda nas proximidades da minha casa e, de 5ª à 8ª noutra escola situada em outra fazenda numa distância de quatro quilômetros da minha residência. Todo o meu ensino fundamental foi ministrado por professores leigos: a professora das quatro primeiras séries havia estudado só até a quarta série, enquanto as professoras das quatro últimas séries cursaram o Magistério. [...] Comecei estudar o antigo Ginásio no ano de 1987, numa escola que foi implantada no mesmo ano. Nela, o currículo era constituído por uma gama de saberes não utilitários, desarticulados do nosso mundo cultural e social. A escola negava todos os elementos da cultura local e os professores seguiam a proposta pedagógica das escolas onde eles haviam estudado. No entanto, foi nesta escola que descobri que queria ser professora de Geografia. Tive uma professora de nome Tatiana Santos Vieira que lecionava Geografia, suas aulas eram baseadas nos apontamentos que escrevia no quadro-negro, dele fazia um questionário com vinte perguntas e delas retirava dez para a prova. Apesar desta perspectiva metodológica, esta professora mantinha um diálogo conosco [...]. Estimulava-nos à “decorar” os assuntos da disciplina por ela ensinada.. [...]. Durante as aulas não tínhamos o direito de [...] dizer que não entendeu alguma coisa. (Janeide – Memorial Acadêmico, 2009).

Neste fragmento narrativo, a professora Janeide evidencia elementos que marcaram o seu processo de escolarização e a escolha da profissão docente, ao afirmar fatos relacionados à prática pedagógica da professora Tatiana nos seus percursos de escolarização. Ainda nas primeiras páginas do memorial ela expõe fatos biográficos marcantes ao relatar o período de mobilidade geográfica para a escola sediada na cidade de Irará-BA e a vivência durante o curso de magistério a nível médio.

No ano de 1987 ingressei no curso de magistério, numa escola situada na sede do município. Sofri o preconceito de ser oriunda de

escola da zona rural e moradora do campo. No entanto, foi neste mesmo período que passei a entender que a condição de negra, pobre, camponesa, moradora de casa de barro não seria motivo de me envergonhar e de me sentir inferior aos outros. Aprendi isto nas aulas de Geografia, e no contato com a Teologia da Libertação via Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica, especificamente nos movimentos da Pastoral da Terra. De modo geral, o curso de Magistério me permitiu pensar criticamente a educação, apontando suas falhas e refletindo e compreendendo o processo educacional como consequência de uma Política Nacional. [...]. Nosso trabalho era refletir a educação no contexto da História, da Sociologia, da Política, da Geografia e da Filosofia numa perspectiva metodológica libertadora. Este fato associado à militância no movimento social me proporcionou consciência política [...], passei a me enxergar como igual aos outros. Isto me fez acreditar que eu também poderia entrar na academia e realizar o grande desejo de ser professora de Geografia e compreender melhor as contradições do espaço agrário brasileiro. Pedi ajuda financeira aos meus professores, me inscrevi no vestibular [...] (Janeide – Memorial Acadêmico, 2009).

Neste excerto narrativo, Janeide expõe a mobilidade diária, a partir de 1987, para a escola da cidade para dar continuidade aos estudos, uma vez que naquele período eram poucas as escolas localizadas no espaço rural que ofereciam o Ensino Médio. Esta professora também afirma que muitas leituras feitas durante o magistério a nível médio, a ajudaram a ter uma consciência política, a compreender melhor as contradições vividas por ela e sua família no espaço rural, no município de Irará-BA, o que lhe impulsionou a optar pela Licenciatura em Geografia como curso de formação inicial e posteriormente a ter os objetos de investigação nos cursos de pós-graduação entre os anos de 2006 a 2015. Além disso, este fragmento da narrativa da professora Janeide evidencia seu processo de empoderamento individual.

Sobre as lembranças dos momentos iniciais da formação docente, da opção pelo magistério como profissão e os primeiros momentos profissionais, a professora Áurea lembra que terminou o curso de magistério em 1985 numa escola particular do município de Alagoinhas-BA e em 1986 iniciou a docência numa escola rural onde aprendeu muito

com os alunos quando trabalhou como alfabetizadora porque precisou estudar mais para ensinar, recorrendo a cursos de formação continuada para lecionar e alfabetizar seus alunos, como bem ela afirma neste excerto narrativo:

O curso de magistério não preparava as alunas para alfabetizar crianças e adultos. A discussão gerava em torno do ensino de fundamental I – 1ª a 4ª série. E me deparei com uma turma que precisava alfabetizar. Busquei métodos de alfabetização e acabei fazendo um curso da “Casinha Feliz”. Um método fonético. [...] Tive que aprender a aprender. Lembro-me que naquela época já me questionava sobre alfabetização e letramento escolar, porém a palavra “letramento” ainda não existia. E conheci as obras de Paulo Freire. E comecei a me despertar para uma professora/educadora militante de movimentos sociais (Áurea – Memorial Acadêmico, 2009).

Áurea evidencia a necessidade de se qualificar no início da escolha profissional, pois os saberes construídos pelos alunos e professores e a apropriação destes eram duas questões que lhe inquietava muito, pois tanto os alunos como o próprio momento de atuação profissional caracterizam-se como charneiras (JOSSO, 2010), considerados como “divisores de águas” para que ela buscasse outros caminhos formativos que pudessem agregar mais saberes ao exercício de sua profissão. Nas últimas linhas deste excerto narrativo, Áurea enfatiza a importância de sua participação nos movimentos sociais, espaços estes que a empoderaram e possibilitaram exercer melhor a sua cidadania.

Em 1992, Áurea ingressou no curso de Licenciatura em Letras Vernáculas da UNEB/Brasil porque considerava “[...] importante discutir sobre os saberes construídos por alunos e professores; além disso, como se dá a apropriação do saber e que funções têm o conhecimento escolar na vida do aluno” (Áurea – Memorial Acadêmico, 2009). Neste fragmento fica claro que no processo de empoderamento, é imprescindível buscar respostas para as inquietações, sobretudo no que concerne às questões que envolvem educação.

A professora Edite demarca bem os momentos charneiras que despertaram o seu interesse pelas questões sociais que envolvem suas pesquisas, especialmente aquelas que submergem da Educação de Jovens e Adultos. Assim, ela narra:

[...] o desejo de tornar-me professora e, acima de tudo, pesquisadora, ocorreu desde o ingresso na graduação em 1992, no curso de Pedagogia, na UNEB. Mesmo depois da conclusão do curso em 1996, esse desejo permaneceu latente, pois na minha trajetória acadêmica e profissional a pesquisa é vista como elemento constitutivo fundamental dentro do fazer docente. Durante a graduação, participei ativamente de atividades científicas ligadas às questões sociais, particularmente com pesquisas na área da escola pública e movimentos sociais em vários municípios baianos [...] desenvolvendo capacitações, formação de professores leigos e alfabetização de jovens e adultos em diferentes contextos. Estive sempre procurando ampliar e aprofundar meu olhar de pesquisadora para compreender os contextos históricos, sociais, culturais, políticos e organizacionais nos quais se dava minha atividade docente, como condição para nela intervir. (Professora Edite – Memorial Acadêmico, 2009).

Os excertos narrativos apresentados nos memoriais das professoras Áurea, Edite e Janeide evidenciam que seus percursos de vida, de formação e de profissão estão ligados e envolvem resiliência e empoderamento, pois a história de vida e os percursos pelos quais passaram demonstram que a nossa identidade pessoal e profissional são emoldados a partir do que vivemos e aprendemos no decurso de uma vida, seja através das pessoas ou dos momentos charneiras que dão ênfase a nossa história, ajudando-nos a narrar outras histórias e construir outros percursos a partir das oportunidades que nos são dadas e aquelas que buscamos, principalmente quando refletimos sobre o vivenciado, escrevemos sobre o vivido e possibilitamos criar e reinventar a nossa história a partir da reflexividade biográfica, dos processos de resiliência e de empoderamento.

Entre o narrado, o que fica por dizer? Notas não (tão) conclusivas

Muitas são as histórias não ditas, não narradas nos memoriais acadêmicos das professoras Áurea, Edite e Janeide porque “[...] as narrativas [...] não liberam de uma só vez todos os seus segredos” (BERTAUX, 2010, p. 89), mas o certo é que nessas escritas de si ficam claros os processos de resiliência e de empoderamento através do acesso à escola/universidade, pois a educação se constitui como “[...] determinante central e decisivo do posicionamento socioeconômico das pessoas na hierarquia social” (PASTORE; SILVA, 2000, p. 40).

O acesso à educação possibilitou às professoras Áurea, Edite e Janeide a reflexão sobre as suas itinerâncias pessoais e formativas, principalmente nos elementos que constituem suas histórias de vida e seus objetos de pesquisas, pois suas histórias são singulares, precisam ganhar o mundo e revelar a importância que as escolas localizadas em contextos rurais têm para a população de áreas menos favorecidas, pois, em muitas localidades brasileiras, a única forma de acesso à educação escolar e de transformação social é por meio de classes multisseriadas nas escolas rurais. Tais escolas, apesar das inúmeras dificuldades existentes – ausência de materiais didático-pedagógicos e profissionais qualificados – se constituem como único meio para o empoderamento individual dos sujeitos.

As escritas de si, nos memoriais acadêmicos, revelam dimensões constitutivas das histórias de vida e de formação acadêmico-profissional que empoderam os sujeitos, ao possibilitar a reflexão sobre suas memórias, itinerâncias pessoais e formativas, possibilitando a pessoa construir novos enredos para as suas vidas, pois o trabalho com trajetórias de vida-formação-profissão se constitui como um campo fecundo para compreendermos ações de mobilidade social e cultural de professores universitários, bem como seus processos de resiliência e de empoderamento, podendo contribuir com a ampliação de pesquisas que versam sobre histórias de vida de professores baianos. Desse modo, as escritas de si “[...] desvelam trajetórias de vida. Esse processo de construção tem na narrativa a qualidade de possibilitar a autocompreensão, o conhecimento de si, àquele que narra sua trajetória.” (ABRAHÃO, 2004, p. 203), bem como promove reflexividade na pessoa que lê a história do outro, o que o leva a buscar elementos que se aproximam e que se afastam de suas próprias histórias.

As memórias e histórias de percursos narrados pelas professoras Áurea, Edite e Janeide desvelam muitas histórias relacionadas à formação e à profissão, sobretudo aos processos de mobilidade geográfica, social e cultural decorrentes do investimento pessoal.

Através dos eixos analíticos que envolvem os percursos de vida, formação e profissão, os fatos biográficos apresentados por essas três professoras universitárias em seus memoriais evidenciam muitas regularidades entre as histórias narradas, dentre as quais se destacam: a influência dos pais nos processos de escolarização; a mobilidade geográfica foi necessária para a continuação dos estudos no espaço urbano; apesar da pouca escolaridade, os pais acreditavam na mobilidade social, mediante o acesso a educação; as escolhas profissionais e os seus objetos de pesquisa são decorrentes de seus percursos de vida, de escolaridade e de formação; no decorrer das trajetórias de escolarização e de formação acadêmico-profissional, as professoras Áurea, Edite e Janeide encontraram pessoas charneiras que, de certa forma, as impulsionaram para a docência superior.

Os resultados iniciais deste estudo têm anunciado que as histórias de vida, formação e profissão de professores oriundos de escolas rurais se constituem como verdadeiros oceanos de saberes que podem nos ensinar sobre o constituir-se professor universitário e professor-pesquisador, ampliando pesquisas e discussões sobre multisseriação, letramentos, educação de jovens e adultos, educação do campo, formação docente e ensino superior, dentre outras temáticas.

Outras discussões ainda ficam por fazer, mas o certo é que as professoras Áurea, Edite e Janeide não mantiveram seus *status* que lhes foram atribuídos quando nasceram, foram resilientes porque tiveram a capacidade de se recuperar de situações de crise e aprenderam com elas, alteraram o *status* através do acesso a educação a partir de seus processos de mobilidade e investimentos na formação e na pesquisa.

Enfim, posso afirmar que a reflexividade sobre a vida, a formação e a profissão, sobretudo durante as escritas de si, nos memoriais acadêmicos, sobre os acontecimentos vividos e experienciados ao longo da vida contribuíram decisivamente para o empoderamento dessas professoras.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto)biográfica**. Teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 201-224.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – Uma discussão conceitual. **REVISTA DEBATES**. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de Vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BOLÍVAR, Antonio. Dimensiones epistemológicas y metodológicas de la investigación (auto)biográfica. In: Maria Helena Abrahão; PASSEGGI, Maria da Conceição (Orgs.). **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**: Tomo I. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012, p. 27-69.

BUENO, Belmira Oliveira; CHAMLIAN, Helena Coharik; SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). Universidade de São Paulo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 385-410, maio/ago. 2006.

BUENO, Belmira Oliveira. **Histórias de vida de professores: a questão da subjetividade**. Universidade de São Paulo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

CÂMARA, Sandra Cristinne Xavier da; PASSEGGI, Maria da Conceição. Memorial autobiográfico: uma tradição acadêmica no Brasil. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; VICENTINI, Paula Perin; SOUZA, Elizeu Clementino de (Orgs.). **Pesquisa (Auto)biográfica: narrativas de si e formação**. Curitiba, PR: CRV, 2013, p. 29-47.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica**. Ensaio sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Natal, RN: EDUFRN, 2012, 155 p.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

JOSSO, Marie-Christine. **A experiência de vida e formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira. Revisão Científica de Maria da Conceição Passeggi e Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. e ampl. Natal: RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010, 341 p.

OLIVEIRA, Simone Santos de. **“Travessias” – de aluno de escola da roça a professor de universidade: percursos de vida, trajetórias de formação e atuação profissional**. Projeto de Pesquisa (Doutorado). Salvador/Bahia/Brasil: PPGEduc/UNEB, 2012 (Digitalizado).

PASSEGGI, Maria da Conceição. Injunção institucional e sedução autobiográfica: as faces autopoietica e avaliativa dos memoriais. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. (Orgs.) **Memorial acadêmico: gênero, injunção institucional, sedução autobiográfica**. Natal, RN: EDUFRN, 2011, p. 19-39.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Biografia, corpo, espaço. In: PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.) **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008, p. 93-109.

PASTORE, José; SILVA, Nelson do Valle. **Mobilidade Social no Brasil**. São Paulo: Makron Books do Brasil, 2000.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. Histórias de escola e narrativas de professores: a experiência do GPEMC. Memória e cotidiano. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDIPURCRS: EDUNEB, 2006. p. 177-188.

SCOZ, Beatriz Judith Lima. **Identidade e subjetividades de professores: sentidos do aprender e do ensinar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 25-53.

SILVA, Arlete Vieira da. A escrita do memorial como dispositivo de formação: implicações no estágio supervisionado. In: PEREIRA, Áurea da Silva; VILELA, Marcos Antonio Maia (Orgs). **Letramentos no Estágio Supervisionado e formação de professores**. Salvador: EDUNEB, 2013, p. 205-225.

SOUZA, E. C. A vida com as histórias de vida: apontamentos sobre pesquisa e formação. In: PERES, E. *et al.* (Org.). **Trajетórias e processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e culturas**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2008.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006a, p. 135-147.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Conhecimento de si**. Estágio e narrativas de formação de professores. Salvador-Ba: UNEB, 2006b.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Ser e não ser da roça, eis a questão!** Identidades e discursos na escola. Salvador: EDUFBA, 2011.

Fontes

FARIA, Edite Maria da Silva de. **Estratégias e táticas: rememorando o caminhar**. Memorial Acadêmico apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Salvador/Bahia/Brasil: PPGEduc/UNEB, 2009. (Digitalizado).

PEREIRA, Áurea da Silva. **Memorial de Áurea da Silva Pereira**. Memorial Acadêmico apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade –

PPGEduC da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Salvador/Bahia/Brasil: PPGEduc/UNEB, 2009. (Digitalizado).

SANTOS, Janeide Bispo dos. **Memorial de Janeide Bispo dos Santos**. Memorial Acadêmico apresentado ao concurso público para o magistério superior da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Feira de Santana/Bahia/Brasil: UNEB, 2009. (Digitalizado).